

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavosRedacção e Administração
Carvalhal — BarcelosASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.^o José A. Aires

Publica-se aos Domingos

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO

| TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

UM BOCADO DE ARQUEOLOGIA

UM PROBLEMA

Como constitue um curioso estudo para quem se queira entreter com a análise de *coisas etnograficas* e de um pouco de etimologia, damos à publicidade o seguinte:

Pelo começo do século IV o Imperio Romano estava dividido em dioceses. A Península Hispanica constituia uma delas.

Cada diocese dividia-se em províncias. As províncias em *conventus* por sua vez formados por *civitates*.

As *civitates* abrangiam pequenos povos ou tribus e por isso tinham também a designação de *populi*.

Juridicamente a reunião de *civitates* ficou, como dissemos formando o *conventus*.

O território constituindo a *civitas* que era por assim dizer uma pequena nação, dividia-se em regiões mais pequenas — *pagi* — ocupadas pela tribo, espalhada nos diversos *vici* (especie de logarejos ou aldeias, com as choupanas dispersas; na habitação isolada — *aedificium* —; e mais tarde, na casa do campo — *villa*).

As *civitates* mais desenvolvidas e populosas possuíam o que os romanos classificaram com o termo de *oppidum*, praça forte, permanentemente habitada, maior que *castellum* e diferente deste, a qual representava o centro de governo e defesa da região.

O *oppidum* assentava sempre no alto de um monte e era defendido pela propria natureza da posição e por obras de arte militar — fósos, circuitos de muralhas etc.

O refugio na montanha era por assim dizer um sistema intuitivo de defesa.

O *castrum* desempenhava papel identico ao *oppidum*, não tendo aliás um fim intimamente igual ao de *castrum* romano; como veremos.

A palavra *castrum* substituiu apenas o termo primitivo céltico — *dun*, *dunun* ou *dunou*, que significava «fortaleza» ou termo «briga» significando «altura», «castelo».

O proprio termo «*dun*» subsistiu ainda com os conquistadores para designar uma especie de *castrum* ou *oppidum* mais pequeno, que representava para o principal como que uma defesa avançada ou ponto de apoio.

Os romanos vieram assim encontrar na sua invasão da Iberia, um territorio defendido por uma vasta rede de fortificações sucessivas.

Descendo pois desde a complicada divisão do território sucessivamente estabelecida pelos romanos, até à base, ao esqueleto da organização primitiva, encontramos somente — as *civitates* e seus *oppida* e seus *vici*.

Nestes tempos não existia o verdadeiro sentimento da nacionalidade e nem era conhecido pelos povos da Península à data da invasão romana. Havia apenas o culto das tradições, dos mortos, dos guerreiros antepassados, mas esse culto não ia além das tribus do mesmo ramo étnico.

Da falta de coesão material e moral entre as famílias da mesma tribo resultavam as discordias constantes entre esses povos, em estado permanente de guerra, o que facilitou a conquista romana, visto que nunca ou raras vezes se unindo, mesmo contra o inimigo comum eram inevitavelmente batidos.

Desta maneira de viver, em constante ameaça do visinho, devia resultar a necessidade do estado permanente de defesa ou de preparação para a guerra e dali nascer — o *oppidum*.

O papel do *oppidum* auxiliado pelo *dun*, (o seu satélite) era importantíssimo: especie de couraça da *civitas*, de todo o conjunto, tinha por fim abrigar, em caso de invasão do paiz, e à aproximação do inimigo a população dissiminada pelos *vici* e *aedificia* isolados.

O *oppidum* nem era a *urbs* nem o *castrum* dos romanos.

Desempenhava um papel mixto.

Em caso de guerra, recebia não só os fugitivos em massa, mas todos os bens que eles podiam conduzir consigo — os rebanhos, as provisões dos celeiros, as suas bagagens e toda a sua riqueza.



Nossa Senhora da Franqueira

Era grande o desenvolvimento dos circuitos de muralhas dos *oppida* pela grande multidão de defensores, incluindo as proprias mulheres, que em dado momento as iriam ocupar numa luta acérrima.

Permanentemente a população destes redutos seria diminuta, constituída talvez na sua maioria por oleiros, ferreiros, tecelões, etc...

Com a pacificação definitiva da Península operou-se a decadência dos *oppida*; primeiramente uma transformação lenta, a sua romanização e mais tarde o abandono completo com a criação das cidades abertas — *urbs* —, definitivamente postos de parte os locais altos e encomodos cuja ocupação uma paz duradoira já de forma alguma justificada.

Ve-se pois que inicialmente, a cidade, no sentido da designação romana (*urbs*), não existia entre esses povos de humilde e primitiva organização social, nem tão pouco o termo *civitas* tinha qualquer analogia com *urbs*.

Hoje as ruínas dos antigos *oppida* são conhecidas entre nós principalmente pelos nomes de *Cidades*, *Castros* e *citanas*.

Sendo certo que nem os *oppida* eram «cidades», nem a designação *civitas* (donde indiscutivelmente proveio o nome de *cividade* e depois *cidade*) significava o que hoje entendemos por «cidade» e os romanos nitidamente designavam por *urbs*, todavia ás ruínas dos *oppida* ouvimos hoje chamar *cidades*; é pois uma designação impropria, mas que o uso consagrou, perdida a significação primitiva, quando cessou a organização social que os romanos transformaram.

O termo *cividade* derivou evidentemente de *civitate*.

Do termo *castrum*, também empregado para designar o *opi-*

dam, se bem que impropriamente, pois como fizemos notar, este ultimo era uma praça forte sem similar nos processos de fortificação dos romanos, obrigando uma guarnição muito diferente e portanto com uma estrutura e fim do castrum e do castellum derivou a designação castro ou crasto e daqui os diminutivos castrelo ou crastêlo, crestêlo, cristêlo, crestim e castril.

A derivação etimologica de todas estas designações das actuais ruínas dos opida é por assim dizer intuitiva.

Mas a origem do termo Citanea?

Conclui-se a existencia de mais de uma estação arqueologica com o nome de citanea, se bem que tal designação seja mais ou menos duvidosa para todas.

Modernamente se tem dado igualmente este nome a outras ruínas de castros, mas este com a reprovação de certos autores.

Ora o facto de existirem várias ruínas com tal nome parece querer levar-nos á conclusão de que se trata de nome genérico, como cidade ou castro.

Virchou, Cartailhac, Sarmento, Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Hübner, Carolina Michaëlis e outros estudiosos não chegaram a encontrar a derivação do termo citanea.

Até hoje — Citanea fica ainda um enigma, como acabou por declarar Adolfo Coelho e assim se espera ha mais de meio século que alguém o decifre.

Fra Casil

Nóta: Todos estes dados foram colhidos num interessante estudo sobre Citania — (Um problema de etimologia) da autoria do Ex.^{mo} Snr. Mario Cardoso e outros documentos que tenho em meu poder.

Fra Casil

“Ecos da Franqueira,”

De novo prevenimos os nossos prezadissimos assinantes de que poderão satisfazer as suas assinaturas na Editora do Minho-Barcelos poupando-nos assim as despesas de correio. Além dos já mencionados, pagou a assinatura anual o Sr. António Ferreira Pedras, do lugar de Vila Chã (Carvalhal).

Os “Ecos da Franqueira,”
aos seus illustres Assinantes,
Leitores e Colegas, deseja
Boas-Festas



O Evangelho

Naqueles dias saiu um edito de César Augusto, para que se fizesse o recenseamento de todo o mundo. Este primeiro recenseamento foi feito por Cirinó, governador da Síria. E iam todos recensear-se cada um á sua cidade. José foi também da Galiléia, da cidade de Nazaré, á Judeia, á cidade de David, que se chamava Belém, porque era da casa e família de David, para se recensear juntamente com a sua esposa Maria, que estava grávida. Estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar á luz. E deu á luz o seu filho primogénito, e o enfaixou e reclinou numa mangedoura: porque não havia lugar para elles na estalagem. Ora naquela mesma região havia uns pastores que vigiavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho. E eis que appareceu junto d'elles um anjo do Senhor, a claridade de Deus os cercou, e tiveram grande temor.

Porém o anjo disse-lhes: «Não temais: porque eis vos anuncio uma grande alegria que terá todo o povo: porque vos nasceu na cidade de David um Salvador, que é o Cristo Senhor; eis o que vos servirá de sinal: Encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa mangedoura.» E subitamente appareceu com o anjo uma multidão da milícia ceeste louvando a Deus e dizendo: «Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens de boa vontade.»

O nascimento de Jesus em Belem

Anuncio-vos uma grande alegria, porque vos nasceu hoje o Salvador.

E' a vós, cristãos, que o Anjo diz estas palavras tão doces e consoladoras. Sim, nasceu-vos hoje o Salvador! Alegrai-vos portanto, e vinde depressa ao presépio vêr esta maravilha, e oferecer ao divino Infante o tributo das adorações e os presentes do coração. Reavivai a fé; e meditai: 1.º, quem é esta criancinha deitada num presépio desmantelado; 2.º, como é que nasce; 3.º, porque é que nasce assim.

I.—Quem é este Menino?

E' o nosso Deus, o Verbo eterno, em tudo igual ao Pai, a Imagem perfeita e substancial da bondade e da magestade de Deus, o Explendôr do Pai, a Luz eterna...

E' o Messias, o Salvador prometido, anunciado e desejado durante quatro mil anos...

E' o Filho único de Deus, que por

amor de nós, homens, e para nossa salvação desceu dos céus; e incarnou por Obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e foi feito homem.

E' o Todo Poderoso, é Aquele que do nada fez todas as coisas, e que tudo governa pela sua infinita sabedoria...

E' ei-lo pobre criancinha!

Quantos reis e profetas desejaram vêr-lhe o nascimento, e não tiveram esta felicidade! E é-nos concedida semelhante graça!

Vamos, portanto, com fé e confiança com alegria e amor, adorar este divino Menino, agradecer-lhe, reconhecê-lo como nosso Senhor e Rei, oferecer-lhe o nosso amor e servi-lo sempre. Cristo nasceu hoje; vinde e adoramo-lo. Cantai ao Senhor um cântico novo, porque o Senhor fez-nos conhecer a sua salvação.

II.—Como é que Jesus nasce.

Este Menino é pois o Rei da Glória, o Senhor do céu e da terra, E no entanto, vêde de que maneira vem ao mundo: apparece pobre, fraco, humilde, como estranho, desconhecido e repellido por todos.

Poderia nascer num palácio, num berço de ouro: e escolhe um estábulo, um presépio, a visinhança de dois animais: que abatimento! Ele, o Creador, o Senhor de todas as coisas, do Senhor é a terra e a sua amplidão, quiz nascer na baixeza, na humilhação, nas privações, no sofrimento!

Ele, a Sabedoria increada, o Verbo de Deus, está ali, amamentado por sua mãe, deitado nesta pobre manjedoura,

PEREGRINAÇÃO A LOURDES

Partida 1 de Junho—Regresso 9 de Junho

PROGRAMA

Dia 1—Partida do Porto (S. Bento) via Barca d'Alva às 9,50 h

» 2—Chegada a Lourdes às 20 h.

Dias 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8—Estadia em LOURDES.

Dia 8—Partida para Portugal às 9,50 h.

» 9—Chegada ao Porto às 18 h.

(Haverá tempo sufficiente para se visitar: S. Sebastian, Bayonne e Biarritz)

PREÇOS: Em 1.ª classe em Portugal e Espanha e 2.ª classe na França, 1:150\$00; Em 3.ª e todo o percurso, 750\$00.

INSCRIÇÃO: 100\$00, que serão descontados ao preço indicado e não restituídos em caso de desistência; podendo, no entanto, substituir-se por outra pessoa.

PAGAMENTO: Faz-se numa ou duas prestações iguais, sendo a 1.ª até 5 de Maio e a 2.ª até 20 de Maio.

ORGANISADOR: P.e José António Ayres.

Rua Visconde, Póvoa de Varzim.

N. B.—A Casa de Santo António—Travessa da Liberdade, 6, Porto, recebe também inscrições e remete programas.

100—Viagens de graça a Lourdes!

Compreendendo: comboio ida e volta, 6 dias de hotel em Lourdes (três refeições diárias, com vinho) e tôdas as gratificações. Informa: P.e José António Ayres.

Carvalhal—Barcelos.

Exposição de mobílias

E' digna de visitar-se esta exposição de mobílias do Sr. José Vieira, rua D. António Barroso, Barcelos.

sem falar, e chorando como as outras crianças. *Aniquilou-se a si mesmo!*

Todavia, admirai a fôrma maravilhosa como nasce, unindo nêlo a dupla natureza, divina e humana; aparece no lugar e no momento marcados por seu Pai, sai como um raio de sol do seio original de sua Mãe, onde fôra miraculosamente concebido por obra e graça do Espírito Santo, sem qualquer espécie de dôr para Maria...

Com que devoção e amor esta abençoada Mãe o adora e oferece ao Pai celeste por nós, cobrindo-o de beijos depois de o alimentar!

Quantas maravilhas! *Cantai ao Senhor... porque operou coisas maravilhosas...*

Somos bastante puros e simples e humildes para as contemplar e compreendê-las? Recordai os arroubos de S. Francisco de Assis, de Santo António de Lisboa. *O Senhor fez conhecer a sua salvação, revelou a sua justiça diante dos povos!*...

III.—Porque é que nasce assim?

Em que estado lamentável se encontrava então o género humano! Após quatro mil anos do pecado de Adão, conservava-se fechada a porta do céu; os homens tinham-se tornado escravos do demónio e das mais desregradas paixões, mergulhados nas trevas da idolatria e da morte.

Quem os livrará e salvará? quem satisfará por êles a justiça de Deus ultrajado? quem reabrirá o céu para êles?

O Verbo de Deus, o qual *entrando no mundo diz... formastes-me um corpo;... então eu disse: Eis que venho...* (Hebr., X, 5, 7). E' por isso que se faz carne e nasce criança. E' Ele que vem pagar a dívida do género humano e reconciliar a terra com o céu. E por isso quiz sofrer a pobreza, humilhações, os sofrimentos.

Aniquila-se, para curar o nosso orgulho; nasce pobresinho, para nos desprender o coração dos falsos bens dêste mundo; sofre tanto, para expiar os nossos pecados; e desde o presépio começa a obra que rematará na cruz, despedaçando o decreto de condenação lavrado contra nós. E' por um tal preço que nos torna filhos de Deus e dignos do céu: *Fôstes resgatado por um grande valor...* «Reconhece, ó cristão, a tua dignidade!»

Cristãos, meus amigos, é por nós, por cada um de nós, que Jesus nasce neste pobre estábulo, num tal estado de miséria e abatimento, de desnudêz e humilhação. E' para nos salvar e merecer o céu.

E contudo quantos cristãos se parecem com os habitantes de Belém, e não querem reconhecê-lo nem adorá-lo! Quantos são frios e indiferentes, e não sabem ou não querem dar-lhe graças, amá-lo, recebê-lo!

E que fareis vós? Ah! Vinde prostrar-vos a seus pés, vinde, adorêmos, e ajoelhemos diante de Deus; vinde agradecer-lhe o ter descido assim do céu por vós; consolai-o com o vosso fervôr e boa vontade em o servir, amando-o cada vez mais e de todo o coração.

Pedi a Maria Santíssima, a verdadeira árvore do Paraíso, que vos dê êste fruto de vida, a fim de viverdes santamente, dignos de Deus, e assim merecereis gosá-lo um dia na Pátria dos Bem-aventurados: «Depois do exílio da terra, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre». Assim seja!

DOCTRINA

No dia 25 de Dezembro celebra a Igreja, a Festa do Natal cujo principal objecto é o nascimento de Jesus, o qual, depois de ter sido concebido do Espírito Santo no seio de uma Virgem dela nasceu, na plenitude dos tempos, para começar entre os homens a Obra da redenção do género humano. E' neste feliz nascimento que nós vemos cumprido tudo o que Deus, havia anunciado, tantos séculos antes, aos santos Patriarcas Abrahão, Isac e Jacó, Moisés e David e a todos os profetas, prometendo-lhes um Salvador, que viria livrar a humanidade da escravidão do pecado e da tirania do demónio.

E' à vista dêste mistério que a Igreja na solenidade dêste dia por esta forma se exprime: «Hoje a verdadeira paz nos há descido do céu; hoje os céus tornaram-se mananciais de graças para o mundo inteiro; hoje se levantou para nós um dia de reparação, de redenção e de eterna felicidade.»

Isto fez dizer ao Pado S. Leão: «Nosso Senhor nasceu hoje, alegrêmo-nos, por a ninguém é permitido entregar-se à tristeza, neste dia em que o autor da vida nasce para nós. Ninguém é excluído desta santa alegria; todos têm direito a participar dela; porque Nosso Senhor que é o destruidor do pecado e da morte, não tendo encontrado homem algum que não fôsse culpado, veio para os livrar a todos.»

Que o justo, pois, se alegre, porque está em ocasião de receber a recompensa dos seus merecimentos; que o pecador se alegre, porque se lhe oferece o perdão das suas ofensas; que, enfim os mesmos incrédulos se alegrem, porque ainda podem alimentar a esperança de um dia serem chamados à vida.»

A têmpera de Roosevelt

Conta-se do novo presidente dos Estados Unidos, para exaltar a sua fôrça de vontade, que em 1921, quando contava 39 anos, por ter tomado um banho frio quando estava soado, sofreu um ataque que o deixou paralytico das pernas. Conduzido à Universidade de Nova York todos os médicos o declararam incurável. Roosevelt não perdeu o ânimo. Valendo-se de muletas, continuou a sua vida activa, consultando confiadamente todos os especialistas. Em 1924 ouviu falar do balneário de Warm Springs como muito próprio para a sua enfermidade. Lá se dirigiu e cingindo um cinturão com boias, passava longas horas metido na água a 40 graus, movendo lentamente as pernas. Os músculos foram assim readquirindo a sua elasticidade e fôrça e um ano mais tarde Roosevelt deixava as muletas trocando-as por uma simples bengala. Conseguiu mesmo cavalgar sem dificuldade.

Tinha vencido a sua primeira batalha e manifestado a fôrça de vontade que tanto o havia de ajudar a influir ao seu adversário Hoover, a maior derrota eleitoral de que há memória nos Estados Unidos.

NOTÍCIAS VÁRIAS

Em Rasbaix, região da França, vai-se proceder a experiências para o fabrico de lã artificial. Trata-se dum produto derivado da polpa da madeira, segundo um sistema empregado nos Estados Unidos. A polpa é tratada só, ou com uma mistura de lã natural, na proporção de 10 a 30 por cento.

O fabrico de lã dêste género está despertando um extraordinário interesse em virtude da alta actual dos preços, no mercado.

O Instituto de investigações de Moscovo tem estado a proceder a interessantes experiências sobre um aparelho que substituirá o coração.

Até agora essas experiências fizeram-se apenas em cães.

Em 16 dêstes animais pôde durante alguns minutos substituir-se o coração por um aparelho que desempenha as mesmas funções; depois o coração foi outra vez metido no seu lugar, fôram feitas as suturas necessárias e a vida dêsses animais continuou regularmente.

Para que a experiência possa fazer-se em seres humanos é preciso descobrir primeiro a forma de osangue se coagular enquanto o coração fôr retirado.

Está correndo no tribunal de Viena, na Austria, um processo movido por uma senhora contra um operador que, numa intervenção cirúrgica que lhe fêz, se esqueceu dentro da operada de um lenço de asoar de 24 polegadas de comprido por 20 de largo!

Esta senhora continuou, depois da operação, a sofrer imenso e foi-lhe feita nova intervenção cirúrgica: a que revelou qual o esquecimento!

O primeiro operador, que é do dos mais afamados de Viena, diz que é impossível ter sido vítima de tal esquecimento, lançando as culpas sobre o ajudante.

O processo está despertando natural interesse.

Um grande número de ministros anglicanos firmaram uma declaração em que afirmam que devem submeter-se ao Sumo Pontífice. Fazem parte da Confraria da Unidade a que aderiram muitos ministros e bispos anglicanos. C «Osservator Romano» ao dar a noticia, convida o mundo católico a orar para que a oração auxilie êste movimento.

A Iugoslávia continua a ser teatro de graves hostilidades à igreja Católica.

Uma das suas organizações mais florecentes é a dos «Sokols», que ainda não há muito vimos francamente elogiada numa conferência da nossa Sociedade de Geografia. Revela-se ela de há muito, hostil à Igreja.

As autoridades eclesiásticas viram-se agora na necessidade de lhe lançar interdito.

Em Pastoral colectiva, o Episcopado acaba de, após uma conferência em Serrajevo, recomendar aos párocos que insistam junto das famílias católicas para que os seus filhos não entrem nas «Sokols» cuja actividade é encobertamente de combate à Igreja.

Crónica da Semana

Natal.—Que festa mais linda que des-
perte em nossa alma mais fervorosos
sentimentos de júbilo e de fé. Ela acom-
panha-nos desde a infância até à morte.
Quando crianças todos nós exultávamos
com os inocentes brinquedos junto do
presépio.

Jesus-Menino sorria-nos e nós sorria-
mos para ele no prazer comunicativo de
todos sermos crianças. Ao alvorecer da ra-
zão fomos compreendendo porque Jesus
tinha vindo ao mundo, e a nossa grati-
dão, alumada pela crença religiosa, co-
meçou a radicar-se no nosso coração e a
ser a companheira inseparável da nossa
vida.

Na adolescência e na juventude fo-
mos aproveitando as lições do Presépio.
Jesus, rei do mundo, nasceu em umas
frias palhas para nos ensinar a humilda-
de, como base da nossa existência.

Na idade adulta continuamos a olhar
para a gruta de Belém como a grande e
idefectível escola deste mundo.

Jesus continuou a ser o rutilo sol nas-
cente da ventura da humanidade e o fa-
rol brilhante para os caminheiros da ter-
ra. Na decrepitude o Presépio é ainda a
segura esperança, o porto ansiado da úl-
tima jornada desta existência.

Nos templos suntuosos, como nas hu-
mildes capelas; no palácio como na chou-
pana; na imponência das cerimónias li-
túrgicas, como na devoção do lar, o Natal
é, pois, a grande festa da humanidade,
aquela que mais inunda o mundo de
alegria, de uma alegria íntima que pen-
etra todo o nosso ser e ilumina a vida com
os clarões do mais vivo optimismo.

É certo, a grande festa é a Páscoa
porque a Ressurreição de Jesus Cristo
deu-nos a maior felicidade, porque nos
abriu as portas do Céu. Mas, o coração
tem as suas predileções irresistíveis, e Je-
sus Menino, no desconforto da gruta de
Belém e das palhas do Presépio, de tal
sorte o atraiu, comoveu, e dominou, que
a sua grande festa é a do Natal. E assim
da infância à velhice, não há ninguém
que nesta quadra fria de rigoroso inver-
no não sinta quente, possuído do mais
fervoroso júbilo, o coração junto do Me-
nino Jesus.

Oh! como esta festa contribui para rea-
cender a fé adormecida nas almas trans-
viadas! Quantas vezes, pessoas ausentes
perdidas no borborinho dos prazeres e
dos êrros do mundo, terão esquecido Je-
sus, e de volta ao lar paterno, na re-
vivescência de horas felizes de outrora,
junto do Presépio, à luz divina do olhar
de Jesus, terão reconhecido o transvia-
mento dos seus passos e tomado resolu-
ção formal de uma nova orientação mais
radicada na fé dos nossos antepassados!

Santa devoção esta do Natal. Santa
e salutar juntando-se os membros da fa-
mília dispersa, não é só o simples pra-
zer da aproximação que os une, são os
laços duma tradição vivida e fortificada
sob o olhar de Jesus. E esta tradição é
uma escola de virtudes que educa o indi-
víduo desde criança e o acompanha pela
vida fóra, projectando-o por assim dizer
para um destino que lhe faz atingir o
fim mais glorioso.

Festejemos, portanto, santamente o
Natal. Avivemos a nossa fé junto do
Presépio.

Relembremos que Jesus veio ao mun-
do para nos salvar, para redimir a hu-

manidade da culpa dos nossos primeiros
pais, para nos tornar eternamente feli-
zes. Correspondamos, pois, a tanto amor
com o nosso amor, e não nos esqueça-
mos de que Jesus sofreu por nós. Sofra-
mos, portanto por ele, aproveitemos as
lições do seu sacrificio para depuramen-
to das nossas virtudes. Tudo o que fi-
zermos por Jesus é pouco à vista do
muito que ele fez por nós.

«Novidades» — A imprensa é uma gran-
de força mundial. Quem, nos tempos que
correm, terá dúvida a tal respeito? É
uma força dominadora, com potência
mais eficaz do que a dos canhões. É ela
a senhora da opinião, da orientação do
espírito, da acção do indivíduo. O jornal
que todos os dias lêmos é como o pão
que ingerimos às refeições diárias, a sua
doutrina alimenta as nossas convicções,
forma o nosso modo de ser. Portanto,
tem uma influência extraordinária na so-
ciedade, como factor educativo, como
mentor de orientação, como impulsor da
realização das grandes obras.

Entensem nisto, a sério, os católicos,
porque na empreza grandiosa em que
estão empenhados, empreza da causa de
Deus, da defeza da Igreja, do triunfo da
religião, do bem das almas e do sanea-
mento moral da sociedade, carecem de
muita força, de uma força poderosíssima
para lutar contra os inimigos, que são
muitos e adestrados, para vencer as difi-
culdades de toda a ordem e de todos os
dias, para levarem a cabo a missão, cu-
ja tremenda responsabilidade lhes pesa
sobre os hombros. E esta força está em
grande parte na imprensa.

Os católicos precisam, pois, de uma
imprensa à altura da situação isto é, que
não só possa competir com a imprensa
adversária, como também disponha de
meios para realizar o objectivo a que se
destina.

Temos um Diário católico, as «Novi-
dades» que são o grande pregoeiro da
nossa causa. É um combatente apenas,
pouco ainda, mas muito bom. É neces-
sário fortalecer este baluarte, dar-lhe a
maior expansão e os meios de vida mais
seguros.

Há nove anos, fê-los no dia 15 do
corrente mês, que na imprensa portu-
guesa combate pela grande Causa. Nove
anos de luta para se firmar; nove anos
de luta para conquistar pretígio; nove
anos de luta para pôr em prática os pon-
tos luminosos do seu programa. E tem
avanzado e tem triunfado!

Ora é necessário que este prestígio,
este avanço, este triunfo, continuem.
Todos os católicos devem prestar o seu
auxílio. Ai, daquele que não dispõe de
uma arma para se defender! As *Novida-
des*, são no combate da boa imprensa,
uma grande arma. Ao lado delas, pois.

Ao prestigioso diário os nossos pa-
rabens.

Educação da mulher. — Raramente, nos
jornais que não são cultivados com es-
pírito cristão, se encontram assuntos
tratados segundo os moldes da nossa
orientação educativa. Mas as tristes rea-
lidades do que se passa por esse mundo
vão abrindo os olhos a muitos dos que,
sonhando a mais tórva fantasia, julgarem
ter encontrado o ideal da perfeição. As

liberdades excessivas deram funestos re-
sultados.

Mas deparou-se-nos um artigo de um
dêsses jornais, onde vem muito de apro-
veitável. É o grito de que é necessário
arripiar caminho nos métodos que se têm
seguido na educação da mulher. É o re-
conhecimento de que no problema edu-
cativo, as liberdades máximas conduzem
inevitavelmente aos máximos perigos e,
não raro, à perdição...

Transcrevemos alguns períodos bas-
tante elucidativos tanto mais que da fon-
te de onde vêm não trazem vislumbre
de suspeição: «O problema da educação
tem de ser, considerado com sincerida-
de e nobreza; e quando se trata da edu-
cação da mulher, especialmente, os cui-
dados devem ser maiores, mais fortes e
mais redobrados.

O que se passa na vida social de ho-
je diz-nos que a mulher foi desviada do
seu verdadeiro caminho, porque a sua
consciência começou muito cedo a ser
submetida a uma formação sistemática-
mente perigosa.

Na maioria dos casos, não olharam
pela delicadeza da sua sensibilidade, ou
deixaram-na à vontade ganhar raízes pro-
fundas no êrro.

Na educação, falsificou-se, quasi sem-
pre, a disciplina; e esqueceu-se que a
criança, que havia um dia de ser mãe,
precisava de almas nobres ao seu lado,
que a fôsem preparando para o heroís-
mo maravilhoso da sua missão extraor-
dinária na vida.»

«A Cruzada» — Vai entrar no seu XI ano
este humilde semanário. Dez anos de lu-
ta é já uma existência larga de sacrifi-
cios à boa Causa. E os que nele escrevem
têm a consciência da sua dedicação pe-
lo triunfo da mesma Causa. Terão feito
quanto depende das suas forças? Terão
correspondido à expectativa e à neces-
sidade dos leitores?

Ficam as respostas ao critério dos as-
sinantes e amigos.

«A Cruzada» publica a explicação do
Evangelho que é o melhor pasto das al-
mas; publica o comentário aos aconteci-
mentos mais importantes da semana e
foca os problemas mais graves da actua-
lidade para dar conhecimento aos leito-
res da evolução dos grandes problemas
sociais; publica um ou outro artigo dou-
trinário para a necessária instrução reli-
giosa; publica uma secção de curiosi-
dades recreativas, para amenizar um pouco
o tempo e a leitura; e publica várias no-
tícias para que os leitores saibam o que
se passa pelo mundo.

Na estreiteza do seu formato não po-
de ir além.

Como boletim paroquial tem a consi-
ciência de ter contribuído bastante para
a educação popular. No próximo dia 1.º
de janeiro entra no XI ano da sua exis-
tência bastante melhorado. Espera cor-
responder aos desejos dos leitores e es-
pera que os leitores corresponderão ao
seu apêlo.

RIDENDO

—Eu cá, disse um basóffio, sou capaz
de quebrar com um sopapo a pedra-már-
more desta mesa.

—Pois eu, disse um dos ouvintes, com
a mão faço parar um comboio.

—Então és Sansão?...

—Nada: sou maquinista de caminhos
de ferro.